

CARTA AO SUPREMO – Ano 2018

(homenagem à memória de meu pai, Mauro Oliveira)

Exmo Ministro Aires de Brito.

Hoje, 04 de setembro de 2018, meu pai faria 100 anos. Ele gostava de escrever cartas. Lembro-me de uma para o “Cabra da Peste” que, “não sabendo que era impossível”, construiu Brasília.

O Senhor não me conhece, assim como Juscelino não conhecia meu pai. Mas isto não consta. Certa feita, nos encontramos numa fila simples no aeroporto de Brasília. Senti-me, naquela ocasião, o ministro e o professor, terráqueos da mesma tribo. Achei bacana e lembrei-me de meu pai, um homem terno, sem arrogância, que gostava do correto e respeitava o direito do outro. Fiquei orgulhoso. E esse é o tema desta carta: um orgulho que meu pai me encomendou.

Meu pai me educou acreditando no Brasil de Gilberto Freire, sonhado em 1926: “Eu ouço as vozes, eu vejo as cores, eu sinto os passos desse Brasil que vem aí”.

Ele me ensinou a rejeitar a prosaica do galalau francês quando disse não sermos um país sério (aqui pra nós, De Gaulle nunca disse isso!). Aprendi também, desde cedo, a “rebolar no mato” o carimbo ianque de país de segunda categoria, apesar do “samba do crioulo doido” que um dia foi o nosso modelo educacional, estratificado que era em escola dos ricos e a do “povão”.

Mauro Oliveira, meu pai, não deixava “sem troco” o féla “metido à besta” que falasse mal do “Brasil estrelado de Bilac”, nem o gringo no aeroporto do Cocorote, onde ele amarrava seu velho Hudson, que zombasse desse Brasil pai d’égua, “Brasil brasileiro/Aonde eu mato a minha sede/E onde a lua vem brincar”, resplendido na singeleza da piauiense Sarah Menezes à sua família, ao receber o ouro, em Londres 2012.

Ah, 2012! Foi inesquecível, Ministro! O Senhor e o seu time: Joaquim, Peluzo, Gilmar e Marco; Carmén, Celso, Luiz e Rosa; e mais outros dois com nomes (e jogadas) de “causar espécie” (*copyright* Joaquim Barbosa) à torcida.

O país mudou de canal para ver o jogo da sua Corte Suprema. Era o país de Pelé “abrindo alas” ao de Peluso: “... que os ministros sejam graves. Pois grave é sua responsabilidade perante a opinião pública, a nação e a história”.

Quando tudo parecia um “0x0”, a Corte “encontra-se” com o Povo que informa, porém não forma a decisão do Supremo. Este Povo passou a compreender melhor a tripartição dos poderes, princípio do ordenamento constitucional do País, que se quer republicano (termo banalizado, infelizmente, em muitos discursos).

“Show de bola”, Ministro! O povo vibrou! O Brasil mudou para melhor (além de sermos bicampeões da Copa de 2018... rrsrs). Ficamos orgulhosos em 2012. Tenho contado isso aos meus netos e alunos!

E para dizer-lhe que valeu, Ministro, “lá se vai” Bilac e Freire que meu pai me recitava e, principalmente, fazia por onde um dia chegarmos lá: “Não verás país como este... mais tropical, mais fraternal, mais brasileiro! “.

Atenciosamente

Prof Antonio **Mauro** Barbosa de **Oliveira**

Filho de Dona Gelita e Seu Mauro Oliveira, Eletrotécnico da Escola Técnica Federal do Ceará

TRAVESSEIRO

*Papai, esse tipo ao lado, “nariz empinado”, na verdade não gostava muito de futebol.
Seu esporte predileto era mesmo subir nas árvores do Alegrete,
nosso sítio na Pacatuba.
Acho que era pra ver o sol mais de perto ... e quebrar o braço de vez em quando.
Rotina não era com ele!*

*Ele gostava de nos ver de paletó, bem penteados, de participar de nossos planos.
Seu Hudson 48, um dos poucos Fords da cidade nos anos 60,
levava-nos sempre ao Liceu, onde trabalhava.*

*Teimoso como ele não tinha igual: caía mas não usava bengala!
Mas sua maior teimosia era ...
Trabalhar duro, com seriedade, e, ao cair do sol,
no voltar para casa,
ser digno de seu travesseiro.*

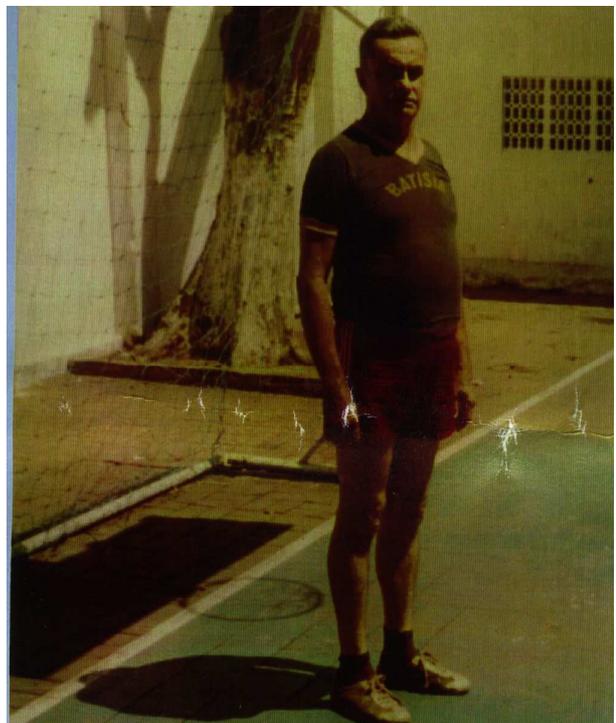
Obrigado meu pai!

Obrigado meu Deus.

***Este sol que me bate
minhas náuseas abate,
esfrega planos meus!***

***Ilumina o caminhar
nariz empinado,
paletó solto, alado,
sonhos ali, lá acolá!***

***Quando o sol se cai
uma energia me guarda,
um travesseiro me aguarda
do “tamanho” de meu pai!***



UMA LUZINHA ENTRE COQUEIROS



*Esta conversa tem pra lá de 40 anos.
Passávamos nossas férias na fazenda do tio Manezin uma casa de alpendre típica do sertão cearense, lá pras bandas da Lagoa de Santa Tereza, perto de Jaguaruana, arredores de Aracati.*

*Os tempos difíceis dos anos 60
não permitiam a papai acompanhar nossas férias, como bem gostaria.
Sertanejo forte, antes de tudo, ele não tinha hora certa para chegar na sua rural.*

*Ficávamos toda noite no alpendre do tio Manezin
aguardando sua chegada, uma luzinha que se aproximava ...
e se perdia entre coqueiros!*



Chiquin, Fernando, Tonho, Zemauro, Ramauro
Mafancisca, Dona Gelita & Marianja

UMA LUZINHA ENTRE COQUEIROS

Ai! Me *alembro* tanto seu menino,
que dá uma dor danada de dor:
a *negrada* no alpendre da Casa de Farinha,
esperando uma luzinha entre coqueiros!

E ele que não chegava na sua rural...
a *mundiça* não podia ver uma luz,
qualquer luzinha entre coqueiros...
a *canaia* gritava logo: “lá *rem* ele”!

Era uma correria desenfreada alpendre abaixo.
Ah! Como a gente adorava a enganação.
Mais uma luzinha que vinha...e se perdia,
e com ela a esperança dele chegar cedo.

Lembro tio Manezin, touca na cabeça, camisolão,
lâmpada na mão, alpercata de rabicho, chão batido,
(os óio franzido por detrás dos óculos de garrafa)
berrava sem convicção, enquanto também espiava
mais uma luzinha que aparecia entre coqueiros:
“*rão dromir magote*. Ele só chega *menhan de menhan*”!

Ai! Me *alembro* tanto seu menino,
que dá uma dor danada de dor.

Entre grilos, cururus, vagalumes...
O tempo parou naquele 24 de dezembro:
na minha mente só havia uma luzinha,
a promessa de presentes, zoada, galinha assada...
que desaparecia entre coqueiros!

Uma luzinha trazendo sobretudo um cheiro,
cheiro de suor, suor do peito, da camisa,
camisa empoeirada da estrada carroçal,
um cheiro gostoso de bom!
O cheiro de papai!

ACORDA NEGRADA!... PAPAI CHEGOOOOOOOOOOUUU !!!